

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**Faculdade de Educação – FACED**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**Linha 9: Filosofias da Diferença e Educação**

**MEMORIAL DESCRITIVO**

**DIEGO ESTEVES**

As artes marciais sempre subordinam as armas à velocidade, primeiramente a velocidade mental (absoluta); mas, através disso, eram também as artes do suspense e da imobilidade. O afecto percorre esses extremos. Por isso as artes marciais não invocam um código, como uma questão de Estado, mas *caminhos*, que são outras tantas vias do afecto; nesses caminhos, aprende-se a “desservir-se” das armas tanto quanto servir-se delas, como se a potência e a cultura do afecto fossem o verdadeiro objetivo do agenciamento, a arma sendo apenas meio provisório. Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o “não-fazer” do guerreiro, desfazer o sujeito.<sup>1</sup>

Neste memorial invoco um caminho em jogo, onde me armo com fragmentos de memórias, encontros, afetos, e invenções, para uma escrita-jogo, com o imprevisto. Neste imprevisto, um método inventado que intenta possibilitar a composição de uma paisagem que dê conta do que importa, agora, nessa apresentação: dispondo peças-pontos, como num lance de dados onde o acaso se confunde com os afetos, compondo uma linha de vida, e de raciocínio - não lógica e não cronológica: desfazer-se, para que fiquem os pontos que compõe essas linhas;

...

2005, ano anterior à minha graduação no curso de Educação Física – licenciatura plena, me encontro entre as prateleiras da biblioteca da Universidade de Santa Cruz do Sul -UNISC, na área Educação. Buscava alianças, armas, para um embate que sentia que era preciso travar: a mesma educação física que eu percebia como/com potência por seus processos com/nos corpos - em possibilidades de deslocar e movimentá-los, produzindo efeitos para uma educação enquanto criação de si nos encontros singulares, nesse jogo-dança inventivo, era também uma Educação Física cheia de protocolos, regras e verdades absolutas.

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. p.85

Tomo nas mãos o livro *Composições*<sup>2</sup> e repito um encontro aleatório que ocorreu naquele dia em 2005, ao retirá-lo da estante. Um entre tantos, ao acaso. Desse encontro minha imprecisão de memória não permite precisar e nem precisa, pois o que resta aqui é o que importa, como um apanhador de desperdícios<sup>3</sup>. Agora, folheio as páginas e paro, ao caso: “Quarta lição: forças, vontade de poder”. Essa peça-ponto que se apresenta, nem tão aleatória assim, já que é a retomada do que foi o meu encontro com a Linha Filosofias da Diferença e Educação, conecta e compõe, num só movimento, aquele momento de crise com a educação física<sup>4</sup> e um dado agora, doze anos depois, no qual intento uma pesquisa em torno de um corpo potencial, para qual o imprevisto e o jogo podem ser tanto uma prática quanto um método na/da educação - de um corpo apto a, de um corpo que vai até o fim do que pode, com as forças ativas, como invenção, como criação:

E se pensássemos as coisas não como manifestações de essências anteriores, como originárias de princípios transcendentais, mas como o resultado de atos de invenção, de processos de criação? Se as víssemos não como simples presenças, mas como presenças *forçadas*, como presenças *induzidas*? (...) Em última análise, isso significa pensar o conhecimento como criação, como invenção. P.47

...

Em 1992 inicio minha prática do Taekwondo - arte marcial Coreana. Aos 9 anos, encontrei nesta arte um movimento na direção de si, em oposição ao que me incomodava nos objetivos externos do esporte: o gol, o ponto, a vitória... Entre os 15 e 23 anos atuei como professor desta arte do combate, até a mudança para Porto Alegre, após finalizar a graduação em Educação Física (2006/2).

---

<sup>2</sup> CORAZZA, Sandra; TOMAZ, Tadeu. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Para este memorial me armei de livros que me afetaram, dispendo-os no espaço, para mover a escrita.

<sup>3</sup> Foi neste livro que conheci Manoel de Barros e sua poesia que influenciou, entre outras coisas, meus dois primeiros espetáculos solo: *Gestos e Restos* (2010) e *O Inventor de Usamentos* (2012). Podem ser acessados em: <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/gestos-e-restos-2/> - <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/o-inventor-de-usamentos-2/>

<sup>4</sup> Em 2002/1 ingresso no Curso de Educação Física e no mesmo semestre no Corpo de Dança da UNISC, onde inicio os estudos com dança e circo. Até 2006 participei de diversas apresentações, fui monitor e professor de técnicas circenses. Em 2005, influenciado pelo NETESC – Núcleo de Estudo e Trabalho em Saúde Coletiva e a participação no VER – SUS (residência acadêmica no SUS), tenho o meu primeiro contato com as Filosofias da Diferença, no livro *Deleuze e a Educação*, de Silvio Gallo; Posteriormente li *Genealogia da Moral* e a *Gaia Ciência*, Nietzsche, bem como *Nietzsche e a Educação*, Jorge Larrosa e *Foucault e a Educação*, Alfredo Veiga Neto. Ainda nos estudos para o TCC, Foucault com *Vigiar e Punir*. Mas foi a partir de 2007, em Porto Alegre, que intensifico esses estudos.

Variações e multiplicidades de sentidos que me atravessam e compõe, entre artes - a do combate e a da cena - e que se encontram na Educação. Uma Educação que “se assume como potência positiva e produtiva, criadora (...) que volta suas energias para um movimento que procura funcionar como um processo de autoeducação”<sup>5</sup>.

O combate<sup>6</sup> não se dá como/numa cena? Esta cena – de uma obra cênica ou aula-obra - não se dá num combate entre as coisas que se apresentam (ou seria como um jogo de malabarismo? Ou uma dança?) com as forças que às dispõe numa dada ordenação e produção de sentido, e a capacidade de interpretação e criação de outros sentidos? Com essas forças em jogo, penso numa autoeducação para a produção de um corpo potente para, tanto quanto ser afetado e movido por essas forças, deslocá-las e produzir composições com o que lhe afeta: movimentos no Vazio, onde não há objetivos, e o que *resta* são invenções. Por uma poética da *invencionática*.

É verdade que as artes marciais não param de invocar o centro de gravidade e as regras de seu deslocamento. É que as vias não são todas últimas. Por mais longe que penetrem, elas ainda são do domínio do Ser, e a única coisa que fazem é traduzir no espaço comum os movimentos absolutos de uma outra natureza – aqueles que se efetuam no Vazio, não no nada, mas no liso do vazio onde não há mais objetivo: ataques, revides e quedas “de peito ao vento”...<sup>7</sup>

...

2007, Porto Alegre, estou no campus central, deve ser março, alguém me disse que o prédio da FACED é o mais alto, com cor azul. Procuro uma papelaria, preciso de um novo caderno e uma caneta. Temo me perder no tempo, no espaço. Tenho pouco tempo. Não conheço a cidade e nesse desconhecimento desconheço a mim, desestabilizo e chego, em tempo, ao seminário *Fantasia de escritura: Deleuze, Blanchot e Barthes*, com a professora Sandra Corazza.

---

<sup>5</sup> ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Educação Potencial: autocomédia do intelecto. Tese de Doutorado. Orientadora: Sandra Mara Corazza. UFRGS, 2013. p.61-62

<sup>6</sup> “Artes Marciais e técnicas de ponta só valem à medida que possibilitam reunir massas operárias e guerreiras de um tipo novo. Linha de fuga comum da arma e da ferramenta: uma pura possibilidade, uma mutação.” DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.89.

<sup>7</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.85.

...

Novamente espalho os livros pelo espaço e sob o método da aleatoriedade, com um dos livros nas mãos<sup>8</sup>, abro numa página, 133:

Há um mundo “subterrâneo”, um mundo “invisível”, mas não transcendental, feito de elementos cuja natureza não é a mesma das coisas e dos indivíduos já formados e constituídos. Esses elementos são forças, vetores, intensidades, diferenças de potencial, diferenças de energia. (...) Trata-se de colocar em foco aquela outra metade do mesmo mundo que é feita, essencialmente, de movimentos, devires e transformações.

Desses diferentes mundos, um jogo entre um representar-se em memorial, e o desejo de apresentar o que se move, passa. Deste mundo de ordenamento das coisas, arquivado, destaco os seminários *Frágil 1 e 2*, da professora Paola Zordan. Os estudos sobre arte e a partilha de projetos artísticos dos colegas que, assim como o seminário *Fantasia de Escrita* e outras atividades da linha<sup>9</sup>, influenciaram muito minha produção artística nesses dez anos passados em Porto Alegre<sup>10</sup>.

Ainda, pontuar que desconfio de conexões transversais entre, por exemplo, uma poética dos jogos e a ciência da biomecânica: o que se passa nesse jogar e o que se passa num corpo que se move - e o que se move nesse corpo que passa: (des)equilíbrios

---

<sup>8</sup> CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz; ZORDAN, Paola. Linhas de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>9</sup> Entre estas destaco o *Atelier de pesquisa Exercícios do Informe em Educação, Literatura, Cinema, Performance*, ministrado por Letícia Testa, Olívia de Andrade Soares e Máximo Daniel Lamela Adó, com coordenação de Sandra Mara Corazza, em 2012. Também aqui a minha participação no Estudos do Corpo, coordenado por Wagner Ferraz, desde 2012, no INDEPin, posteriormente na sala 812 da FACED/UFRGS e atualmente no Espaço eXquiZ.

<sup>10</sup> Trabalhos entre os quais destaco, além dos meus dois trabalhos solo já citados, *Enquanto o novo espetáculo não vem* (2016), uma terceira montagem solo: <http://diegoesteves.in/cena/2017/02/10/enquanto-o-novo-espetaculo-nao-vem/>

*Desdobramentos* (2013-2015) processos de pesquisa: <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/desdobramentos-1a-a-10a-ed/>

*Tubo de Ensaio* (2011-2012) experimentos com o espaço: <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/tubo-de-ensaio-1a-e-2a-edicao/>

*Jogos de transportar* (2015) improvisado à dois: <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/jogos-de-transportar/>

*Guia improvável para corpos mutantes* (2013) dança para crianças: <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/guia-improvavel-para-corpos-mutantes/>

para os quais meus estudos<sup>11</sup> apontam pistas para pensar uma educação enquanto provocação, rompimento de metaestabilidade<sup>12</sup>.

Então, fragmentos (e fabulações) de uma trajetória e suas matérias-forças para uma pesquisa-invenção: da prática e ensino do Taekwondo, dos anos em competições, do improvisado em combate e da disciplina enquanto a criação de condições para um corpo potente; A experiência na produção de espaços de jogo na cena e o desejo (e um vício) pelo o que passa nesses momentos. (Des)equilíbrios. (Des)controles. O que passa no malabarismo entre foco, repetição e o que escapa<sup>13</sup>. O que passa entre corpos em contato<sup>14</sup>. O treinamento físico, a preparação corporal e o que isso tem a ver com um corpo em educação: como preparar um corpo para sentir as forças, para com elas compor, para uma invenção de algo para o qual é preciso desistir um tanto de si enquanto sujeito? (Quanto? Qual a medida entre uma linha de vida e uma linha suicida?) O risco e a estética do circo<sup>15</sup>. A produção de corpos móveis e suas multiplicidades com a dança contemporânea<sup>16</sup>. Sem deixar de rir, com o(a) palhaço(a)<sup>17</sup>.

---

<sup>11</sup> Pesquisa o movimento, com a biomecânica, tanto quanto o jogo cênico aberto ao improvisado, onde todo o treino corporal e técnico passam a ser peças-ferramentas-armas para/nesse jogar. Das atividades lúdicas das aulas de Taekwondo -1992-2006, e da luta como um jogo, e entre 2002 e 2003, a monitoria no Laboratório Lúdico, organizando jogos e realizando pesquisas. Entre 2005 e 2006 fui monitor do laboratório de Biomecânica, também realizando pesquisas nessa área.

<sup>12</sup> "Mesmo individuado, ele ainda é múltiplo, porque defasado e polifasado, encontrando-se numa fase do devir que o conduzirá a novas operações, num processo de individuação permanente: 'uma sequência de acessos de individuação, avançando de metaestabilidade em metaestabilidade' (Simondon, 2003,p.107)" CORAZZA, Sandra. O que se transcria em educação? Porto Alegre – RS: UFRGS; Doisa, 2013. p. 122.

<sup>13</sup> São técnicas diferentes de malabarismo onde se mantém o caráter de jogo e o risco (é de se rever essa ideia de erro como uma falha...).

<sup>14</sup> Entre o Contato Improvisação (dança) e equilíbrios acrobáticos (circo), tenho me ocupado em uma pesquisa/aula que denominei *Variações sobre o equilíbrio em contato*.

<sup>15</sup> No que é denominado circo, pensar uma cultura circense, uma vida nômade, e a multiplicidade de técnicas e suas conexões com a dança, o teatro, o cinema, e a educação.

<sup>16</sup> Sobre essa dança e o que nos interessa: uma dança na qual todos podem dançar.

<sup>17</sup> Frente à virtuosidade dos artistas do circo o palhaço nos lembra que somos humanos e apresenta, emergindo em ações o que é subterrâneo às imagens representativas do forte, do belo, que somos feitos da errância de uma vida sem sentidos dados, mas criados: e nisso há graça, há risos - rimos em comunhão (ver no Plano de Estudos a relação com a tragédia Dionisíaca num mundo apolíneo, em Nietzsche) .

E ainda, das peças-memórias desse jogo-vida, que se desdobram no corpo do texto e em meu corpo e que, cabendo neste, deixam espaço para que outros corpos se produzam nessas linhas de escrita-vida.

Santa Cruz do Sul e a Arte marcial (1992), Educação Física e Corpo de Dança da UNISC (2002). Porto Alegre (2007); aluno PEC UFRGS na Linha Filosofias da Diferença e Educação (2007-09-10-12); NECITRA – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades (2009 e atuante), fundador: espaço de pesquisa e criação cênica, oficinas e cursos - [necitra.com](http://necitra.com); Canto – Cultura e Arte (2010) - fundador e diretor - [canto.art.br](http://canto.art.br) , empresa voltada para a realização e produção dos trabalhos do NECITRA e outros: espetáculo Guia improvável para corpos mutantes (2013 e atuante) - [guiaimprovavel.art.br](http://guiaimprovavel.art.br), Fórum Nacional de Dança Infância e Juventude e a gestão da sala 400 da Usina do Gasômetro em ocupação no projeto Usina das Artes (2015-2017); Canto editorial, com Wagner Ferraz, e a publicação de livros nas áreas de Educação e Arte - [canto.art.br/canto-editorial](http://canto.art.br/canto-editorial), entre os quais destaco o livro do qual fui organizador *Desdobramentos: experimentos com circo, dança e teatro* - [canto.art.br/desdobramentos-experimentos-com-circo-danca-e-teatro-2](http://canto.art.br/desdobramentos-experimentos-com-circo-danca-e-teatro-2); contemplado com 5 prêmios Funarte de circo e dança, Rumos Itaú Cultural e O Boticário na Dança; Participação no elenco do Circo Teatro Girassol (2007-2009), Grupo MEME (2009-2011) e Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre (2010-2011). Coordenação do Colegiado Setorial de Circo do RS (2011-2012). Coordenador de Dança da Secretaria de Estado da Cultura do RS, junto ao Instituto Estadual de Artes Cênicas (2012-2014), coordenando a realização do 1º e 2º Encontro Estadual de Dança do RS, participando da criação do Plano Estadual de Cultura e Planos Setoriais de Circo, Dança e Teatro. Como professor, em Santa Cruz, Taekwondo (1998-2006) e Ginástica Olímpica (2002-2006); em Porto Alegre, Arte Circense para crianças e adultos no Circo Teatro Girassol (2007-2009), onde também fui coordenador da Escola de Circo; CDE – Centro de Desenvolvimento da Expressão (2007 e 2008); Sapato Florido, na Casa de Cultura Mario Quintana (2007); Centro MEME – Santo de Casa Estação Cultural (2009 – 2011); Usina do Gasômetro (2012); e Casa Cultural Tony Petzhold (2012-2017). O curso Malabarismo: encontro entre corpos na CCMQ (2011). Na sala 400 do Gasômetro a oficina Variações sobre o equilíbrio em contato (2017). Entre outros, três cursos realizados no Encontro Nacional dos Profissionais de Educação Física – ENAPEF, abordando relações entre artes cênicas e a educação física (2012 - 2013 e 2016).

## **Plano de Estudos**

A correlação do múltiplo e do um, do devir e do ser forma um jogo. Afirmar o devir, afirmar o ser do devir são os dois tempos de um jogo que se compõe num terceiro termo, o jogador, o artista ou a criança. P.13<sup>18</sup>

### **Do tema**

Improviso em jogo. No fazer-se em texto até aqui, arrisquei variar numa escrita que se joga, que joga, entre o que “precisa” mostrar, e o que passa. Talvez seja disso que se trata o improviso, um complexo jogo entre o que meu corpo é capaz de compor com as forças que o afetam, do que é necessário e possível, numa criação – do/no texto, do/na aula. Como autor, educador, criar condições de possibilidade para que a criação se dê: para um aumento de potência dos corpos, para aumentar sua sensibilidade para com as forças, e sua capacidade inventiva. Para o ser devir, devir e ser. Trata-se de pensar o jogo e o improviso como possibilidades para uma aula acontecimento.

### **Do objetivo**

Estudar o improviso como possibilidade para uma aula, tendo o jogo como a criação de um espaço de/na educação: errante, incerto, que dança, que acha graça, e ri.

### **Do método**

O engajamento guerreiro de uma fala literária é duvidoso desde a origem. O escritor se encontra sempre sobre a mancha cega dos sistemas, à deriva; é um *joker*, um mana, um grau zero, o morto do *bridge*: necessário ao sentido (ao combate), mas ele mesmo privado de sentido fixo.<sup>19</sup>

Compor um jogo-texto-dissertação pensando um jogo-aula; movimentos que ora parecem uma dança, ora um combate: o educador-jogador, o artista-pesquisador, o escritor-improvisador, metamorfoseia-se em malabarista que joga com as matérias-forças, e que também é jogado, que se desfaz das armas, guerreiro, se desfaz sujeito.

Pensar a Educação numa pesquisa com as armas e ferramentas - técnicas e métodos - das Artes da Cena, da Performance, e do Combate, em suas possibilidades de jogo e improvisação, em composição com os conceitos de Forças e Vontade de Potência em Nietzsche e Deleuze: para uma aula-performance, uma aula-jogo, uma aula-combate.

## Do referencial

A tragédia é o coro dionisíaco que se distende projetando fora de si um mundo de imagens apolíneas... No decorrer de várias explosões sucessivas, o fundo primitivo da tragédia, produz, por irradiação, essa visão dramática que é essencialmente um sonho... o drama é portanto a representação de noções e de ações dionisíacas. p.9

Com Deleuze, em Nietzsche e a Filosofia, o referencial central, que segue, na página 9, sobre a tragédia: “a objetivação de Dionísio sob uma forma e num mundo apolíneo”. Ideia que se inicia afirmando que “Dionísio é como a tela sobre a qual Apolo borda a bela aparência; mas, sob Apolo, é Dionísio quem ruga. A própria antítese então precisa ser resolvida, ‘transformada em unidade’”p.8.

De um jogo, entre a individuação Apolínia e a destruição do indivíduo em Dionísio. E com a ideia da inocência: “a inocência é o jogo da existência, da força e da vontade. A existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada, essa é a primeira aproximação da inocência. (...) Heráclito é aquele para quem a vida é radicalmente inocente e justa. Compreende a inocência a partir de um *instinto de jogo*, faz da existência um *fenômeno estético*.” p.14

É do que acontece, das possibilidades de um acontecimento em aula, pensando este com o improviso, em jogo. E no texto, jogamos com Deleuze e Nietzsche: “O jogador-artista-criança, Zeus-criança: Dionísio, que o mito nos apresenta rodeado por seus brinquedos divinos. O jogador abandona-se temporariamente à vida e nela fixa o olhar: o artista se coloca temporariamente em sua obra e temporariamente acima dela: a criança joga, retira-se do jogo e a ele volta. Ora, é o ser do devir que joga o jogo do devir consigo mesmo: o Aiôn, diz Heráclito, é a criança que joga, que joga malha” p.14.

O estudo para a composição de uma aula com/como improviso em jogo, para uma autoeducação, para um corpo potencial: “As forças ativas do corpo fazem do corpo um si e definem o si como superior e surpreendente. ‘Um ser mais poderoso, um sábio desconhecido – que se chama si. Ele habita teu corpo, ele é teu corpo’ (...) Em Nietzsche, assim como na energética, chama-se ‘nobre’ a energia capaz de transformar. O poder de transformação, o poder dionisíaco, é a primeira definição da atividade” p.22

...

---

<sup>18</sup> Deleuze, Gilles; Nietzsche e a Filosofia. Rio de Janeiro: ed. Rio, 1976.

<sup>19</sup> Barthes, Roland; O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1987.